

[HTTPS://DOI.ORG/10.5935/2238-1279.20240013](https://doi.org/10.5935/2238-1279.20240013)

## A Teoria das Representações Sociais encontra os Estudos Culturais na Indonésia: Buscando novas possibilidades para acomodar estudos emergentes sobre cultura<sup>1</sup>

*Social Representation Theory meets Cultural Studies in Indonesia: Seeking new possibilities to accommodate emerging studies on culture*

*La teoría de la representación social se encuentra con los estudios culturales en Indonesia : Buscando nuevas posibilidades para dar cabida a los estudios emergentes sobre la cultura*

*La théorie de la représentation sociale rencontre les études culturelles en Indonésie : à la recherche de nouvelles possibilités pour accueillir les études émergentes sur la culture*

Risa Permanadeli  
Director of Center of Social Representations Studies  
(Pusat Kajian Representasi Sosial)  
permana@sr-indonesia.org  
<https://orcid.org/0000-0002-6334-878X>

**Tradutor:**  
André Felipe Costa Santos  
Universidade Estácio de Sá  
andrefelipecostasantos@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-6139-5603>

---

<sup>1</sup>Este artigo é a versão elaborada do primeiro texto apresentado na XII Jornada Internacional de Representações Sociais e X Congresso Brasileiro de Representações Sociais, no Rio de Janeiro-Brasil, abril-2023

## RESUMO

A produção de conhecimento é sempre contextualizada de acordo com a cultura local. Este artigo aborda os estudos emergentes sobre cultura na Indonésia no final do século XX, conectados à história nacional. Ele destaca um movimento contrário à tendência anterior de adotar abordagens ocidentais em nome da modernização, ignorando cultura e história. O artigo destaca a Teoria das Representações Sociais e os Estudos Culturais, enfatizando como as representações contribuem para a formação da identidade e moldam percepções sociais. Ele explora a interconexão dessas abordagens e a necessidade de uma estratégia metodológica adaptada ao contexto cultural e histórico.

**Palavras-chave:** Estudos Culturais. Representações Sociais. Localidade. Produções de Conhecimento. Perspectivas Indígenas

## ABSTRACT

*Knowledge production is always contextualized according to local culture. This article discusses emerging studies on culture in Indonesia in the late 20th century, connected to national history. It highlights a movement against the previous trend of adopting Western approaches in the name of modernization, ignoring culture and history. The article emphasizes Social Representations Theory and Cultural Studies, emphasizing how representations contribute to identity formation and shape social perceptions. It explores the interconnection of these approaches and the need for a methodological strategy adapted to cultural and historical context.*

**Keywords:** *Cultural Studies. Social Representations. Locality. Knowledge Productions. Indigenous Perspectives.*

## RESUMEN

*La producción de conocimiento siempre se contextualiza según la cultura local. Este artículo aborda los estudios emergentes sobre la cultura en Indonesia a finales del siglo XX, vinculados a la historia nacional. Destaca un movimiento en contra de la tendencia anterior de adoptar enfoques occidentales en nombre de la modernización, ignorando así la cultura y la historia. El artículo enfatiza la teoría de las representaciones sociales y los estudios culturales, resaltando cómo las representaciones contribuyen a la formación de la identidad y moldean las percepciones sociales. Explora la interconexión de estos enfoques y la necesidad de una estrategia metodológica adaptada al contexto cultural e histórico.*

**Palabras clave:** Estudios Culturales. Representaciones Sociales. Localidad. Producciones de Conocimiento. Perspectivas Indígenas.

## RÉSUMÉ

*La production de connaissance est toujours contextualisée selon la culture locale. Cet article aborde les études émergentes sur la culture en Indonésie à la fin du XXe siècle, liées à l'histoire nationale. Il met en lumière un mouvement à l'encontre de la tendance précédente d'adopter des approches occidentales au nom de la modernisation, ignorant ainsi la culture et l'histoire. L'article met l'accent sur la théorie des représentations sociales et les études culturelles, soulignant comment les représentations contribuent à la formation de l'identité et façonnent*

*les perceptions sociales. Il explore l'interconnexion de ces approches et la nécessité d'une stratégie méthodologique adaptée au contexte culturel et historique.*

**Mots-clé:** Études Culturelles. Représentations Sociales. Localité. Productions de Connaissance. Perspectives Autochtones.

## 1. Produção de conhecimento na Indonésia

A implementação da Teoria das Representações Sociais no contexto indonésio está intimamente ligada à influência da colonização na produção de conhecimento, tanto na Indonésia como em outros países asiáticos. Este legado colonial influencia a forma como a Indonésia aborda e se apropria de vários tipos de conhecimento que geralmente vêm do Ocidente<sup>2</sup>. É neste contexto que a Teoria das Representações Sociais vai ao encontro da perspectiva dominante dos Estudos Culturais<sup>3</sup>.

A Teoria da Representação Social entrou na Indonésia quando a corrente dominante do mundo acadêmico dependia intensamente de perspectivas locais expressas através da cultura para compreender as realidades sociais existentes. Esse fato permitiu então que os estudos da Teoria das Representações Sociais se

---

<sup>2</sup>No final do século XX houve um movimento para aumentar a consciência na Ásia para questionar o legado da dominação ocidental no ambiente acadêmico. Esse movimento está de acordo com o surgimento de estudos realizados principalmente na crítica literária, que identificam como os não-ocidentais se apropriaram e interiorizaram o olhar ocidental sobre eles, e acabaram agindo de acordo com esse olhar (Said, 1978). Entre os estudiosos asiáticos, Syed Farid Alatas (2006), um sociólogo malaio, expressou a necessidade de redefinir a Ásia. Na psicologia, tendências semelhantes surgiram e estão sendo articuladas como o novo espírito que alimenta o movimento da Psicologia Indígena (Permanadeli, 2012).

<sup>3</sup>Os Estudos Culturais são uma perspectiva originada na Grã-Bretanha na Escola de Birmingham no início dos anos 60 do século XX. É um campo interdisciplinar preocupado com o papel das instituições sociais na formação de cultura. Os estudos culturais surgiram na Grã-Bretanha no final da década de 1950 e posteriormente espalharam-se internacionalmente, nomeadamente para o Estados Unidos e Austrália. Originalmente identificados com o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham (fundado em 1964) e com estudiosos como Richard Hoggart, Stuart Hall e Raymond Williams, os estudos culturais mais tarde tornaram-se um campo bem estabelecido em muitas instituições acadêmicas, e teve ampla influência sociologia, antropologia, historiografia, crítica literária, filosofia, e crítica de arte. Entre as suas preocupações centrais estão o local de raça ou etnia, classe, e gênero na produção de conhecimento cultural [https://www.britannica.com/topic/cultural-studies]

encontrassem de frente com os Estudos Culturais como corrente de pensamento dominante. Também oferece uma razão para o desenvolvimento dos estudos da Teoria das Representações Sociais como um modelo contemporâneo que permite uma reinvenção da cultura de um ponto de vista especificamente indonésio.

O que cabe destacar é que os dois chegaram ao cenário acadêmico ao mesmo tempo: após o fim da Guerra Fria. A opressão política durante o período da guerra fria, cujos efeitos duraram na Indonésia até 1998, influenciou muitas formas de produção de conhecimento, particularmente nas ciências sociais<sup>4</sup>. As ciências sociais eram rigidamente controladas pelo governo e tinham de seguir a política de desenvolvimento em geral, que mais uma vez vinha da ciência ocidental “moderna”. A onda de modernização ao longo deste período de desenvolvimento foi também acompanhada simultaneamente por um influxo de outras ciências ocidentais a nível universitário. Isso incluiu a psicologia (Permanadeli, 2012). O objectivo em que o Estado apostava para se beneficiar desta trajetória de desenvolvimento era transformar a Indonésia de uma nação tradicional/pobre/subdesenvolvida numa nação moderna. A repressão política contínua, devido à necessidade de manter a Indonésia afastada do comunismo, também deveria ser tolerada em nome da estabilidade política (Schwartz, 1990/1994). Estes dois fatores foram considerados uma garantia de crescimento econômico que levaria a Indonésia à prosperidade como nação moderna. Isto foi considerado uma justificativa para permitir ao Estado controlar a produção de conhecimento nas universidades.

O que então foi negligenciado neste modelo de desenvolvimento? A cultura associada ao local ou à tradição sempre foi vista como um fator negativo. A cultura apareceu como um fardo que impedia o progresso. Ou, pior ainda, a cultura estava

---

<sup>4</sup>O clima de opressão política não teve origem apenas no regime da Nova Ordem. Durante o período colonial, por exemplo, os holandeses reprimiram constantemente os movimentos de oposição. Em cada período histórico, a cultura de opressão emanou de diferentes fontes (ideologia, interesse colonial, luta pela independência, etc.) e assumiu diferentes formas (tortura física, prisão, exílio, isolamento social, etc.). Ricklefs (2005) comparou a cultura de repressão na Indonésia durante o período colonial com o governo real (p.559) e encontrou semelhanças em ambas as práticas de poder.

associada ao “estigma” do atraso (kampungan<sup>5</sup>), o de uma nação colonizada. Portanto, os estudos relacionados à cultura nas ciências sociais sempre foram marginalizados ou mesmo ignorados.

O clima acadêmico foi aceito quando a economia começou a crescer e as pessoas começaram a usufruir dos frutos do desenvolvimento. Mas esta situação de rápido crescimento não durou para sempre. A crise financeira global que atingiu o país em 1998, e o movimento reformista concebido para substituir um governo que estava no poder há mais de trinta anos, forçaram finalmente mudanças políticas e econômicas, resultando no fim do antigo regime e em um novo contexto para produção de conhecimento.

## 2. O retorno da Cultura através do encontro dos Estudos Culturais e da Teoria das Representações Sociais

A necessidade de trazer a cultura de volta ao cenário acadêmico fez parte das novas correntes que se espalharam pela Ásia após o fim das crises do século passado. Com a crise financeira, a inflação foi altíssima e todos os números mágicos do setor econômico entraram em colapso. A mudança do cenário político mudou o estágio do poder – com mudanças repentinas do regime autoritário para a democracia, do militarismo para a sociedade civil, do governo centralizado para a descentralização, e ao mesmo tempo do local para o global, do lugar para o espaço, etc. Em um período em que todas estas mudanças aconteciam de forma tão brutal porque a economia política do país também tinha entrado em colapso, foram encontradas novas descobertas sobre a cultura como um instrumento resistente ao colapso.

---

<sup>5</sup>É um termo pejorativo para se referir à população local e à sua cultura, em oposição à moderna e “população ocidentalizada” que foi inicialmente educada pelos holandeses no início do século XX. A origem do termo é kampung, área de moradia onde residiam os indígenas na Batávia, antigo nome de Jacarta durante o período colonial. Normalmente todas as imagens de pobreza, de sujidade, de atraso, de ignorância, de preguiça, de supersticioso, de inculto, ... são anexadas para ilustrar a oposição com as imagens de idealização do ocidental (os holandeses e os europeus). Este termo ainda é amplamente utilizado nas conversas do dia a dia para abordar todas as características associadas à vida rural.

O que, de fato, aconteceu? Durante o período de desenvolvimento, quando a economia estava supostamente a crescer, este crescimento raramente afetou a vida cotidiana das pessoas. A maioria da população continuou a viver de acordo com o ritmo de vida dos seus antepassados. Com paisagens agrícolas tradicionais que continuaram a ser um pilar da economia do país, as pessoas permaneceram ligadas a sistemas econômicos tradicionais que são particularmente dependentes da natureza e que nunca foram parte integrante da economia nacional. As impressionantes estatísticas supostamente resultantes do rápido crescimento da economia nacional, centrada apenas em certas áreas (Java, e especialmente nas grandes cidades), ou em certos setores econômicos (produção de petróleo e outros minerais) que infelizmente geralmente não estão diretamente ligados às vidas das pessoas. Em outras palavras, o desenvolvimento apenas reanimou um número limitado de áreas e ajudou apenas um pequeno número de pessoas. Portanto, quando a crise chegou, as pessoas que viviam nesta bolha tradicional estavam seguras. A tradição e a cultura – que permaneceram enraizadas mas geralmente negadas – foram de fato os elementos que criaram uma rede de segurança na vida da nação.

Esta verdade inevitável obrigou o mundo acadêmico a valorizar a cultura como uma casa que deve ser salva. Foi neste quadro que foram revisitadas várias questões sobre a cultura, tais como a natureza do poder, as fontes de poder, a relação entre os cidadãos e o poder, como o poder é mantido e acumulado na vida cotidiana e o papel desempenhado pela cultura na construção de poder. Nesse contexto, foram introduzidos os Estudos Culturais e a Teoria das Representações Sociais.

### **3. O encontro entre a Teoria das Representações Sociais e os Estudos Culturais no mundo acadêmico indonésio.**

A ligação entre a Teoria das Representações Sociais e os Estudos Culturais reside na perspectiva de uma compreensão das formas como a cultura e a sociedade são construídas e reproduzidas através das práticas sociais e do discurso. A Teoria das

Representações Sociais oferece um arcabouço teórico que busca compreender como indivíduos e grupos interpretam seu mundo social por meio da produção e circulação de significados, que são então representados em diversas formas de atitudes, ações, discursos, imaginações, etc. (Moscovici, 1961/1976 ; Jodelet, 1998, 1998-b, ; Abric, 1994; Markova, 2003). Esta teoria por si só enfatiza o papel da cultura e da comunicação na formação da nossa compreensão da realidade social. Ao mesmo tempo, os Estudos Culturais são uma perspectiva interdisciplinar que explora as maneiras pelas quais as práticas culturais e o discurso moldam e são moldados pelos empurrões das forças sociais, políticas e econômicas. Ele oferece uma perspectiva crítica sobre como a realidade é produzida e como essa realidade reflete as relações sociais de poder que existem na sociedade (Adorno & Horkheimer, 1947/2002; Hall, 1980,1993; Fanon, 1967; William, 1983, 2014; Bourdieu & Passerón, 1990; Foucault, 1990).

Os Estudos Culturais tiveram origem no Reino Unido, em Birmingham, e depois espalharam-se pelos Estados Unidos durante a década de 70, onde deram uma nova cara aos estudos sociais e deixaram para trás disciplinas clássicas como a economia, a política e a sociologia. As mudanças ocorridas no mundo durante as duas últimas décadas do século XX, devido ao colapso da ideologia da guerra fria, deram origem a um novo entusiasmo pela compreensão do que está acontecendo na sociedade moderna contemporânea. Essa perspectiva facilmente se tornou uma nova onda na América, e migrou para Canadá, Austrália e Hong Kong, que se tornaram referências para as ciências sociais na Ásia. Foi durante este período que muitos estudiosos asiáticos (Japão, Taiwan, Coreia do Sul, China, Hong Kong, Singapura, Filipinas, Indonésia) estudaram nos EUA, Austrália ou Canadá. Eles trouxeram de volta uma nova consciência sobre como viver como nação e Estado sem ideologia política esquerda-direita, enquanto ao mesmo tempo que tentavam encontrar uma nova fórmula sobre como a cultura influencia a nossa atividade mental, e como através de uma lente cultural podemos ver as relações de poder que moldam a vida contemporânea da sociedade asiática. Foi um novo começo para os estudiosos asiáticos quando encontraram novas abordagens para compreender a Ásia a partir

de sua própria perspectiva (Nandy, 1983, 1987; Spivak, 1988, 1990, 1999; Norholt, 2004; Alatas, 2006; Budianta, 2010; Haryanto, 2006, 2014; Kuan-Hsing, 2010; Norholt, 2004; Acharya, 2014).

Uma das principais contribuições dos Estudos Culturais para as ciências sociais tem sido o reconhecimento de que cultura e poder estão inerentemente inter-relacionados. Portanto, os Estudos Culturais enfatizam a identificação de traços de poder baseados na raça (du Bois, 1903; Fanon, 1967; Hall, 1980, 1993, 1997; Hooks, 1992; McIntosh, 1988), classe (Freire, 1968/1970; Bourdieu, 1997; Frow, 1995; Harris, 1992), gênero e sexualidade (Beauvoir, 1949/1961; Butler, 1990), nacionalidade (Said, 1978, 1994; Spivak, 1990, 1998; Cohn, 1996), etc. O que não pode ser negado das conclusões dos Estudos Culturais é o fato de que, além de procurar e identificar vestígios de poder, também procura espaços onde, e as razões pelas quais, o poder é desafiado, mudado ou transformado (Bourdieu, 1984, 1987; Bourdieu & Passeron, 1990; Foucault, 1979; Frow, 1993, 1995; Nandy, 1983, 1987, 2002;). Os Estudos Culturais enfatizam particularmente a importância de estudar a cultura popular e a vida cotidiana como um meio de compreender a dinâmica complexa da sociedade contemporânea (William, 1958; Barthes, 1957/1972; Debord, 1967/1970; Du Guy et al, 1997; Bourdieu, 1996; Hall, 1980; Frow, 1995; Walkerdine, 1996; Featherstone, 1991; Bock, 1993; Gans, 1999). Considera, portanto, a cultura popular e cotidiana como um espaço de lutas pelo poder que permite aos grupos marginalizados formular resistência, bem como reivindicar a sua própria identidade e as suas próprias formas de representação.

O que é interessante é que os Estudos Culturais utilizam a noção de representação de forma semelhante à Teoria das Representações Sociais. Ambas as abordagens examinam como o significado é criado, disseminado e recebido, e como a representação contribui para a formação da identidade, cognição social, normas sociais, opiniões, atitudes, crenças, etc. Ambas as abordagens também enfatizam o processo dinâmico de representação de um objeto, e ao mesmo tempo, aceitar que a representação é um fator ativo e influente na formação de percepções, valores,

juízos sociais e crenças, em vez de simplesmente refletir a realidade objetiva como forma de explicar a realidade social existente.

Essencialmente, o postulado do poder é visto como um fator determinante que também determina o produto dos estudos sobre representação nos Estudos Culturais, enquanto por outro lado a Teoria das Representações Sociais dá mais ênfase à forma como os processos cognitivos estão envolvidos na formação e distribuição das representações em um grupo social ou sociedade. O poder certamente é um dos elementos que influenciam a produção de representações, mas o poder é considerado, segundo esta teoria, como uma forma de conhecimento que orienta a posição assumida pelo Sujeito em relação aos objetos sociais e pode ser articulado em qualquer forma de representações.

A diferença de foco entre essas observações pode ser compreendida se rastreamos as origens das disciplinas que originaram as duas perspectivas. Os Estudos Culturais, devido à sua natureza interdisciplinar, abrangem facilmente a sociologia (Bourdieu, 1984, 1992, 1996, 1998-b; Beaudrillard, 1968/1996; Giddens, 1991, 1992), a ciência política e a crítica literária (Said, 1995; William, 1977). ), semiótica (Barthes, 1977) e economia (Laclau & Mouffe, 1985; Lupton, 2000), bem como estudos de mídia (Adorno & Horkheimer, 1944; Williams, 1981; Beaudrillard, 1968/1996; Chomsky, 2005/2006). No entanto, nenhum arcabouço teórico surge a partir desta perspectiva, porque os Estudos Culturais abrangem as teorias desenvolvidas em cada disciplina e utilizam-nas para compreender a luta pelo poder na sociedade contemporânea. Isso significa que desde o início, os Estudos Culturais examinam conscientemente fenômenos contemporâneos como foco de estudo e interpretam esses fenômenos de acordo com os princípios das relações de poder.

A Teoria da Representação Social, por sua vez, cresceu a partir da psicologia social, com a necessidade de compreender a sociedade moderna, que é considerada demasiado unidimensional, uma vez que só é explicada pela corrente dominante - usando o behaviorismo. A Teoria das Representações Sociais deu um passo além ao explicar as complexidades da sociedade moderna, traçando como as funções

mentais de um indivíduo estão conectadas à sociedade. Este foco nos primeiros traços explica então por que a Teoria da Representação Social se cruza mais com os elementos que constituem a vida mental, como a antropologia, a história, a linguística, o inconsciente, a memória coletiva, etc. Serge Moscovici, que cunhou o termo 'Teoria da Representação Social' em 1961, mostrou como a relação entre os indivíduos e a sociedade é um espaço importante que sempre permite que ocorra a produção de significados e símbolos, especificamente através da comunicação que possui um mecanismo cognitivo (Moscovici, 1961/1976, 2012; Jodelet, 1989, 1998, 2010, 2012; Wagner, ; Markova, 2003). Este mecanismo regula a forma como cada membro da sociedade aceita, compreende, redistribui o significado, bem como confirma o seu lugar como membro da sociedade, de forma a compreender o mundo social que tem que enfrentar. Ou, em outras palavras, a ligação entre os indivíduos e a sociedade através da troca comunicativa determina, em última análise, como as interações, bem como o comportamento social, são formados.

Embora teoricamente as duas abordagens ofereçam arcabouços diferentes, basicamente partilham o mesmo interesse na compreensão das complexas interações entre cultura, sociedade e poder. Mais importante ainda, ambos oferecem informações valiosas sobre as formas como as práticas culturais e o discurso moldam a nossa compreensão da realidade social.

O fato de a Teoria das Representações Sociais estudar o comportamento e a interação social explica por que na Ásia essa teoria tem apelo limitado no campo da psicologia (psicologia social). Por outro lado, os Estudos Culturais, por questionarem a contemporaneidade, têm flexibilidade para abranger uma variedade de disciplinas. Na Indonésia, podemos facilmente encontrar ensino de Estudos Culturais em faculdades de ciências sociais (sociologia, estudos políticos, estudos de comunicação, estudos de mídia, feminismo e estudos de gênero, etc.), nas humanidades - estudos literários e crítica literária, artes e estudos urbanos, etc., e até mesmo na arquitetura.

Por esse motivo, podemos então identificar diferenças na forma como a pesquisa é realizada. Desde o início, os estudos sobre representação nos Estudos Culturais concentraram-se na identificação de forças sociais e na compreensão de como a hegemonia, ou, inversamente, a marginalização, emerge do contato entre cada poder. É, portanto, que a investigação sobre representação centra-se nas hierarquias sociais, na ideologia ou na desigualdade, que normalmente se assume que decorrem do poder da raça, da classe, da sexualidade/gênero sdaafa, ou mesmo da nacionalidade.

Com base na psicologia social, o objetivo principal da pesquisa em Representação Social é investigar os processos coletivos pelos quais o significado é construído e compartilhado dentro de grupos/sociedades sociais. Os estudos de Representação Social tentam compreender as maneiras pelas quais indivíduos e grupos criam e compartilham compreensões comuns da realidade, com foco nos processos cognitivos e sociais envolvidos na formação de representações e na comunicação envolvida em produzi-las (Duveen & Lyoid, 1991). ; Wagner, Duveen, Themel, Verma, 1999; Jovchelovitch & Gervais, 1999; Moscovici, Jodelet, 1998). Isto torna possível à Teoria das Representações Sociais observar como a representação contribui para a coesão social, a criação de normas sociais e a gestão de conflitos sociais (Jodelet, 1998, 1998-b, 2010; Moscovici, 1976, 2012, 2012-b).

A relação entre os objetos de representação, o indivíduo como sujeito que produz a representação, e a presença de outros indivíduos na sociedade (outros) como um processo intermediário a partir do qual os significados dos objetos são compartilhados e comunicados, são os elementos básicos deste tipo de estudo sobre ambas as abordagens. O indivíduo não é um ser isolado. Ele está em constante interação. Ambas as perspectivas reconhecem a importância do lugar do Outro, que organiza o conhecimento para gerar e dar sentido às representações objetais. Esse conhecimento rege o processo de compartilhamento e a escolha dos canais pelos quais distribuir significados, sejam eles práticas ou discursos sociais, políticos, culturais, históricos, religiosos, etc. É importante observar que é por meio desses

canais que o Sujeito, ou indivíduo, transforma o objeto objetivo em um objeto de realidade contextual particular. É a inclusão de outras pessoas como representantes da sociedade na produção de representações que coloca a Teoria das Representações Sociais lado a lado com os Estudos Culturais. A convergência entre os Estudos Culturais e a Teoria das Representações Sociais reside, assim, em um domínio que depende da presença de Outros (Hall, 1997; Moscovici, 1961/1976, 2012; Foucault, 1975, 1986). Assim, ambas as perspectivas reconhecem a complexidade da representação e o papel da cultura como fator determinante na sua produção.

Dentro das correntes dos Estudos Culturais em desenvolvimento na Ásia, o fim da guerra fria no final do século XX foi um ponto de viragem histórico que obrigou a Ásia a encontrar novas correntes de pensamento e a reinventar-se a partir da sua própria trajetória histórica<sup>6</sup>. O fato de o estudo da representação dos Estudos Culturais se relacionar intencionalmente com uma leitura da hierarquia de poder que prevalece na sociedade, facilmente aumenta a consciência da desigualdade, das diferenças, das desigualdades e de uma série de problemas sociais que continuam a ser uma realidade que não pode ser negada na sociedade Indonésia. Ao traçar a arena mais ampla do poder, os Estudos Culturais implicam inevitavelmente uma leitura do domínio do poder ocidental, que por sua vez se torna uma nova tendência como estudo pós-colonial.

---

<sup>6</sup>A guerra do Vietnã foi um cenário histórico para testemunhar como o conflito ideológico no Ocidente se transportou para a Ásia e causou uma cicatriz na memória do povo. Foi no mesmo período, quando a Indonésia confrontou indirectamente o Ocidente e teve de seguir a aposta do Ocidente. O PKI ou Partido Comunista Indonésio foi acusado de um golpe de Estado e do assassinato de 10 generais militares em setembro de 1965. Esta acusação conseguiu justificar a tragédia humanitária que provoca o desaparecimento de mais de um milhão de vidas de cidadãos feito pelo Indonésios com o apoio de forças militares. O PKI foi banido e todos os associados à esquerda ou ao marxismo foram proibidos. O próximo regime governamental (Nova Ordem) que estava no poder em 1967 foi completamente apoiado pelo Ocidente que representava o Direitismo. Para manter e garantir que a Indonésia não se afiliaria ao poder de esquerda, foi aplicado um rígido controle de poder em todos os setores da vida. Quando o regime caiu, a necessidade de questionar a história passada e como ela é regulada e representada na vida contemporânea foi a porta para acolher todos os estudos sobre Cultura.

Esta perspectiva atraiu os indonésios para estudar e realizar pesquisas em Estudos Culturais, uma vez que liberta a sua compreensão da opressão acadêmica do passado, que consideram demasiado ocidental. No contexto indonésio, os Estudos Culturais, em particular, desempenharam um papel importante na compreensão do impacto da Nova Ordem (o regime no poder de 1967 a 1998) na sociedade e na cultura indonésias (Sen & Hill, 2000; Santikarma, 2004; Budianta, 2002, 2006, 2007, 2009; Heryanto, 2006, 2014; Kusno, 2000, 2010; Missbach, 2014; Herlambang, 2014). Os estudiosos exploraram e dedicaram a sua investigação às formas como as políticas e práticas autoritárias do antigo regime foram refletidas e reforçadas através de práticas e discursos culturais. Por exemplo, os Estudos Culturais pesquisaram extensivamente como os regimes usam a propaganda, a censura, e os meios de comunicação social, para moldar a opinião pública e suprimir a dissidência. Eles também analisam as formas como as práticas culturais, como a arte e a cultura popular, são usadas para promover a ideologia do regime e suprimir perspectivas alternativas que possam existir para representar os cidadãos (Taal, 2002; Budianta, 2002, 2006, 2007, 2009, 2016; Heryanto, 2006; Nilan & Mansfield, 2013; Herlambang, 2014).

O problema é que a cultura indonésia, pelo menos na altura em que esta teoria foi introduzida, já não era uma sociedade tradicional que pudesse ser abordada a partir de uma perspectiva antropológica clássica como era durante o período colonial. Nem era uma sociedade moderna como imaginada através de uma abordagem antropológica moderna. A sociedade indonésia tornou-se mais complexa e a sua complexidade fornece uma base lógica para abordar e utilizar a teoria da Representação Social de acordo com esta complexidade.

#### **4. Implicações das percepções culturais obtidas ao conduzir pesquisas de Estudos de Representação Social na Indonésia**

A Indonésia é um país arquipelágico com 17.000 ilhas, 1.340 grupos étnicos e mais de 731 línguas diferentes<sup>7</sup>. Em outras palavras, existe variabilidade em quase tudo: língua, valores, normas, práticas, crenças, etc. A Indonésia esteve sob ocupação holandesa durante mais de três séculos e 3,5 anos sob ocupação japonesa. Cada período de colonialismo acrescentou as suas próprias memórias coletivas e sociais àquelas que existiam antes da chegada dos europeus e de outras nações estrangeiras.

Desde o início, quando estudava questões contemporâneas como o consumismo, tive consciência dessa complexidade sem ser capaz de articulá-la e decodificá-la com clareza. Comecei a estudar Teoria das Representações Sociais quando completei meu doutorado com Jodelet em Paris em 2000. Pesquisei ideias de modernidade e a representação das mulheres javanesas modernas através da cultura consumista<sup>8</sup>. A decisão de abordar a questão do consumismo surgiu porque uma das complexidades mais difíceis de compreender, para os indonésios, é a relação entre dinheiro e bens de consumo. O problema do consumismo não está apenas relacionado com o poder de compra, como sempre é explicado na economia ou na sociologia. A complexidade da sociedade ex-colonial, o desejo de parecer moderno, a facilidade do consumismo através de diversos recursos e, ao mesmo tempo, os ataques dos meios de comunicação de massa, inundando o público com publicidade, fizeram do consumismo uma das portas de entrada para a compreensão de como a sociedade se define. A cultura certamente está presente em cada uma das correntes dos

---

<sup>7</sup>BPS (Biro Pusat Statistik), Susanas Maret 2023

<sup>8</sup>Desde meados da década de 1970, a Indonésia foi considerada um novo tigre asiático, depois do Japão e de Singapura, pelo seu crescimento econômico como resultado de um programa intensivo de desenvolvimento. Eu fazia parte, naquela altura, da segunda geração que se formou na Universidade após a independência. Fui urbanizada no sentido de estar exposta a objetos de consumo ocidentais, mas ao mesmo tempo ainda estava fortemente ligada à minha própria cultura, uma vez que a minha vida cotidiana ainda era fortemente organizada de acordo com a minha própria cultura javanesa (falar javanês, comer comida tradicional, seguindo todos os ritos e costumes, etc.). Naquela época, o consumo de objetos ocidentais ainda estava restrito às necessidades terciárias, como moda, eletrodomésticos, cosméticos, etc. Porém, o atrativo do consumo de bens importados, como herança colonial, ainda estava fortemente presente. Isso explica por que a estratégia de venda era persuadir o público a comprar produtos importados em vez dos produtos locais.

elementos citados e sua presença aparece de formas inesperadas, como na linguagem, por exemplo.

Muito antes da independência em 1945, a Indonésia já havia decidido, desde 1928, o Bahasa Indonesia como língua nacional. Pensava-se que isto uniria a nação e, portanto, após a independência, esta língua tornou-se obrigatória nas escolas. O problema é que na vida cotidiana todos continuaram a usar a sua língua materna e só usavam o indonésio na escola. Mesmo que as entrevistas fossem realizadas em indonésio, muitas vezes a lógica utilizada para falar permanecia ligada à lógica da língua materna ou da língua local, que era psicologicamente mais real como uma característica da vida cotidiana. Na verdade, todas as normas linguísticas associadas à língua local também se aplicam ao indonésio. Como resultado, ao realizar pesquisas em várias partes da Indonésia, é muito importante compreender a língua local<sup>9</sup>.

Para o meu primeiro estudo, entrevistei participantes que eram todos javaneses, residentes em Yogyakarta e Jacarta (Permanadeli, 2015). Minha primeira entrevista foi realizada em Yogyakarta, conhecida como o centro da civilização e da cultura javanesa. De acordo com os costumes culturais javaneses, se você sabe que está conversando com um javanês, é natural falar javanês. Mais importante, porém, é que é preciso saber com quem se está falando e como se deve apresentar ao interlocutor. A noção de que todos têm um lugar e falam a partir desse lugar é uma regra semântica que deve ser respeitada. O lugar determina a posição de sujeito, o que, infelizmente, não está definido nos pronomes sujeitos “eu”, “você”, “ele/ela” ou “eles”. O lugar do sujeito é determinado pelo verbo que confirma o significado do lugar. Portanto, para descrever uma ação com um verbo, em uma posição de sujeito diferente, o verbo também pode ser diferente. E o verbo não é determinado pela

---

<sup>9</sup>A vida cotidiana das pessoas deste arquipélago é organizada de acordo com as línguas locais. Não são apenas dialetos, mas podem ser considerados línguas com sintaxe e semântica próprias. Viajar para outra vila, cidade ou região com outro idioma significa viajar para um lugar estrangeiro dentro da Indonésia. Isto também se aplica à alimentação, aos costumes, à cultura, etc.

posição da primeira pessoa, mas pela segunda ou terceira pessoa, dependendo do verbo utilizado. Isso significa que o sujeito nunca é estático. O lugar do sujeito depende de sua relação com a outra pessoa com quem conversa. Na verdade, encontrei todos estes princípios na língua javanesa quando conduzi entrevistas com informantes em Jacarta, embora todas as entrevistas tenham sido conduzidas em indonésio.

Cresci tendo o javanês como língua materna e as regras semânticas são geralmente diferentes quando aprendo indonésio, inglês ou francês. Estar ciente desses diferentes traços semânticos me deixa totalmente atenta ao aspecto da linguagem. Não estou mais sujeita a verdades linguísticas gramaticais para fazer análises. Por outro lado, estou totalmente sujeita a regras semânticas, o que, mais uma vez, pode levar a pesquisas excessivamente subjetivas.

Um exemplo particularmente interessante que experimentei de estrutura linguística transferida para outra língua, na verdade do javanês para o francês, ocorreu quando tive a oportunidade de consultar a minha diretora de pesquisa, Jodelet. Eu traduzi a transcrição da minha entrevista para o francês conscientemente, de modo a seguir as convenções científicas da língua. Na tradução, para facilitar a compreensão da conversa, fui obrigada a seguir a estrutura da língua francesa onde deve ser seguido o princípio sujeito-verbo-objeto. A mudança do lugar do Sujeito de “segunda pessoa” ou “terceira pessoa” para “primeira pessoa”, e a regra de que o verbo se comporta como uma propriedade de “Sujeito” para definir “Objeto”, mudou completamente o significado e o conteúdo do entrevista. Todas as minhas fontes deixaram de ser javanesas. Eles se tornaram seres cartesianos franceses, e eu estava 'perdida na tradução!' Perdi meu senso de javanês na tradução, juntamente com minha capacidade de compreender o conteúdo e o significado. Mais importante ainda, perdi o conhecimento da minha cultura. Não só tive de voltar às transcrições originais nas línguas locais (javanês e bahasa indonésio) como meus dados primários, mas também tive de reconsiderar a lógica destas línguas para compreender os métodos e o conteúdo das suas representações.

Este estudo inicial enfatizou a necessidade de atenção e sensibilidade aos aspectos da linguagem na condução de pesquisas se for para compreender a produção de representações. Depois de mais de 15 anos trabalhando com a cultura javanesa (com foco em poder, gênero e imaginação), em 2012 fiz uma pesquisa sobre I la Galigo em Sulawesi<sup>10</sup>. A experiência de recolher dados através de entrevistas e de lidar com uma língua local completamente diferente de todas as línguas que conhecia, forçou-me a focar em ver o conteúdo do mundo mental do povo de Celebes do Sul com base na forma como elaboram o seu mundo social usando sua própria linguagem.

A minha experiência de 20 anos conduzindo pesquisas sobre a cultura do povo de Java e Sulawesi me ensinou que devo prestar muita atenção ao desenvolvimento da minha capacidade de “escuta” ao lidar com outra unidade cultural que represente uma realidade social diferente da minha. Escutar requer prestar atenção ao que a fonte realmente quer dizer na sua linguagem e certamente na sua lógica. Isto significa que a minha posição como pesquisadora tem sempre um carácter duplo, como pesquisadora, ou estrangeira/outra, e ao mesmo tempo como membro de uma determinada comunidade.

O processo de ouvir de um lado para o outro, conforme descrito acima, significa converter o que ouvi no que sei (com base no repertório de conhecimentos que possuo como pesquisadora) e, em seguida, devolver esse conhecimento ao contexto local, e esta é uma experiência muito enriquecedora ao usar a linguagem como ferramenta de estudo. Descubro não apenas outra cultura, mas outra visão de mundo, ou outra realidade social da linguagem. Ao mesmo tempo, redescubro a mim

---

<sup>10</sup>I la Galigo é um épico do povo marinheiro Bugis que conta a história da gênese da vida. Diz-se que é tão antigo quanto a civilização humana. Não existe nenhuma evidência histórica de tal afirmação. Fontes acadêmicas, entretanto, dizem que deve ter datado de uma época muito anterior à chegada do Islã (antes do século 16), porque não aparece nenhuma indicação de influência islâmica. A população local, por sua vez, afirma que I la Galigo é um épico sobre as origens dos Bugineses. Este épico foi espalhado na forma de manuscritos escritos no alfabeto local e em folhas de palmeira. Durante o século 19, sob as ordens da autoridade holandesa, o épico foi reunido e escrito por Collieq Pujie. O manuscrito é composto por 6.000 páginas e se tornou o texto literário mais longo do mundo. Em 2012, o épico foi reconhecido pela UNESCO como parte do programa Memória do Mundo.

mesma, a minha própria cultura e a minha própria visão de mundo. Este fato heurístico significa que reconheço minha subjetividade, e na pesquisa a implicação é que eu a limito conscientemente em vez de impor a lógica do javanês e do indonésio (ou mesmo do francês/inglês como a lógica da linguagem científica que utilizo para estudar ciências sociais como pesquisadora) para analisar dados de esferas culturais provenientes de diferentes realidades sociais. É neste quadro que a palavra “escutar” encontra o seu verdadeiro significado ao fazer pesquisa em outra cultura.

Esse tipo de trabalho de campo me fez compreender a linguagem não apenas como meio de comunicação. Fiz toda a coleta de dados por meio de entrevistas não estruturadas, convivendo e imergindo com os moradores locais, e aceitando que tenho que ser sensível ao fluxo da vida local. Aceitar este tipo de flexibilidade acabou por me forçar a alargar os meus horizontes de investigação e a abraçar outras perspectivas como a antropologia, a sociologia, a geografia e a história - como é sugerido por Moscovici quando situou a sua teoria como Metateoria, o que acabou por me fazer confirmar que a linguagem é um paradigma de pensamento (Moscovici, 2012). Através da linguagem podemos alcançar, sentir ou tocar domínios inexplorados e invisíveis do pensamento, como mitologia, sistemas de crenças, imaginação, sonhos, contemplação, o inconsciente, memória coletiva, história não dita, ou mesmo expressões da vida cotidiana que normalmente definem a identidade e/ou o preconceito social - duas realidades sociais que muitas vezes constituem a base dos conflitos nacionais indonésios. Resumindo, podemos sempre referir-nos a Moscovici (2012) quando confirmou que “une culture, une rationalité” por dizer que existe uma racionalidade em cada cultura.

A linguagem também explica e facilita a compreensão de vários fenômenos culturais que tendem a faltar no discurso da globalização, que muitas vezes ignora a realidade pluralista que permanece forte na Indonésia (Permanadeli & Tadie, 2014; Permanadeli, ). As ideias modernas, por exemplo, são conceitualizadas e elaboradas de forma diferente na vida cotidiana, em todos os lugares e em todas as culturas. Por

exemplo, para compreender o **fenômeno** do consumismo, que é sempre assumido como uma constante, independentemente do lugar, verifica-se que através do raciocínio na linguagem, podemos perceber que cada objeto tem um significado semântico que é fortemente influenciado pelo contexto social e realidade cultural onde o objeto está localizado. Com a linguagem vemos como o mesmo objeto está conectado semanticamente com diferentes objetos em diferentes sociedades, ou vice-versa. Isso, por sua vez, nos obriga, como pesquisadores, a aceitar e compreender que existem redes de significado que não desaparecem simplesmente devido à globalização, e que a linguagem é a melhor ferramenta de detecção cultural para explicar esse fato.

## **5. Seguindo a orientação da Teoria das Representações Sociais utilizando uma abordagem sociogenética**

Essa percepção da linguagem me levou a abordar uma perspectiva sociogenética no que diz respeito à pesquisa em Representação Social. Esta perspectiva me fez explorar os dados e contextualizá-los de acordo com a história local das pessoas: como esta história molda a sua mentalidade e influencia a sua forma de ver a realidade, como a história cria um mundo semântico a partir da sua realidade diária e, ao mesmo tempo, como a história torna as pessoas usuárias leais da língua como salvaguarda de sua identidade sociocultural. Para além da história local, não se pode negar que a sociedade também é inseparável da história num quadro mais amplo, tanto nacional como global, que produz realidades contemporâneas.

O principal problema para uma sociedade como a Indonésia é que os vestígios históricos nunca são tão claros como os da sociedade ocidental. A falta de documentação, tanto oficial como não oficial, fez - no contexto indonésio - da língua o lar onde a história vive - e é vivida - por todos os membros da sociedade. Ao mesmo tempo, a história contemporânea é muitas vezes facilmente cegada e vê apenas realidades contemporâneas. O fenômeno do consumismo, por exemplo, é muito enganador para os pesquisadores, na medida em que encontram os mesmos objetos

de consumismo em todo o lado, em particular nos celulares e na Internet - dois itens da vida contemporânea que são facilmente encontrados, mas muitas vezes mal compreendidos. Em uma ligação telefônica, quem está sendo chamado, qual foi a conversa durante a chamada e que linguagem foi utilizada ao fazer a chamada, quais expressões linguísticas foram usadas para objetos especiais, com quem essas expressões foram usadas, etc. - tudo isso conta uma história multifacetada que é frequentemente ignorada e relativamente inexplorada na pesquisa. O telefone não é apenas um equipamento ou gadget de comunicação que é objeto de consumismo na sociedade moderna. O telefone também pode representar pedaços da história, conectá-los ou possivelmente até negar parte da história.

No entanto, deve-se admitir que a localização não é totalmente hermética. Não se limita apenas às condições do ambiente ao redor. Isto significa que a "localidade", que está presente na linguagem, é ao mesmo tempo influenciada pela evolução da sociedade em geral, na qual novos elementos são continuamente trazidos para as nossas vidas e novos significados são atribuídos à sua existência. O problema é que as coisas novas não substituem simplesmente as coisas existentes. A novidade simplesmente se acumula e existe de mãos dadas com o antigo. Ou, em outras palavras, a história da sociedade é como um bolo em camadas, porque a realidade tem camadas semelhantes.

Justamente pela constatação de que o 'Contemporâneo' sempre possui camadas que podem levar à compreensão do verdadeiro sentido da realidade, também a pesquisa em Representações Sociais, com abordagem sociogenética, confere naturalmente um caráter arqueológico à forma como a coleta e análise de dados funcionam (Permanadeli, 2015; Permanadeli & Sundararajan, 2021).

Em seu trabalho, os pesquisadores devem explorar os significados que estão armazenados e espalhados por todas as esferas da vida cotidiana. Esses significados, por diversos motivos, acompanhando a evolução da sociedade, muitas vezes passam despercebidos porque ou são esquecidos ou se tornaram inativos. Os significados muitas vezes se acumulam em cima de outros significados, sem descartar o que está

no fundo da pilha. Ou, mais frequentemente, vemos apenas que o significado utilizado é o significado mais básico, mas que a expressão desse significado vem de um período histórico contemporâneo que pode na realidade contradizer ou mesmo negar linguisticamente o verdadeiro significado (Permanadeli & Sundararajan, 2021). O problema é que a sociedade na realidade se move mentalmente com significados que originalmente não foram detectados. O anarquismo da linguagem, ou a situação caótica criada pela linguagem, facilmente passa despercebido pelos pesquisadores. De qualquer forma, a pesquisa precisa explorar múltiplas fontes de significado.

Se o significado é uma plataforma para a produção de representações, então devemos aceitar que esta plataforma no contexto indonésio tem múltiplas camadas. Possui camadas de história, cultura, linguagem, práticas da vida cotidiana, imagens, sistemas de crenças, superstições, memória social, etc. O problema é que, para produzir uma compreensão da realidade, cada camada precisa ser vista como interconectada - seja ativa ou passivamente, ou intencionalmente ou não. Como resultado, as interconexões que necessariamente facilitam a ancoragem para produzir representações nem sempre são bem definidas, lineares, claras, registradas ou perfeitas. Ocasionalmente são claras, mas na maioria das vezes são esporádicas, caóticas ou anárquicas. Isto confirma as conclusões de Kusno (2006), um pesquisador de Estudos Culturais que estudou o espaço e questões arquitectónicas contemporâneas na Indonésia. Ele mostra que há uma lacuna na realidade. Segundo ele, qualquer fenômeno na Indonésia, para ser compreendido, deve sempre ser visto em termos de uma realidade de duas camadas: aquilo que é visto (regime de ver) e o que realmente aconteceu (regime de verdade).

Para a Indonésia, onde o trabalho de pesquisa é mais formalmente reconhecido como uma tarefa acadêmica e não como uma necessidade de compreender a realidade, a tarefa de pesquisa tanto da Teoria das Representações Sociais como dos Estudos Culturais é produzir conhecimento. Portanto, rastrear qualquer forma de interconexão existente é uma exigência metodológica que não pode ser evitada. É

esta complexidade metodológica que exige que o estudo da Representação Social na Indonésia, com enfoque numa perspectiva sociogenética, tente explicar a contribuição do período de colonização. Esta contribuição não se deve apenas ao fato de a colonização fazer parte da história nacional, mas também porque a colonização representa uma única camada da história que se baseia na complexidade dos vários elementos locais acima dela. Este encontro de elementos históricos oriundos do período de colonização finalmente junta a jornada da Teoria da Representação Social e dos Estudos Culturais.

No contexto deste encontro, a cultura encontra então um espectro mais amplo do que o formulado pelos estudos culturais anteriores. Também dentro deste espectro, a Teoria das Representações Sociais encontra uma corrente asiática expansiva chamada Psicologia Indígena, que é uma tentativa de identificar e reinventar as formas e modelos desvinculados do seu pensamento teórico do paradigma ocidental. É dentro desse espectro cultural que a presença de pesquisadores brasileiros, ou de pesquisadores de outros países sul-americanos, é importante para abrir um diálogo para o desenvolvimento da Teoria das Representações Sociais com a corrente dos estudos sociais na Ásia. Tomando emprestada a afirmação de Jodelet (2012), permitirá um diálogo com outras disciplinas que resultará em progresso e enriquecimento mútuo.

## Referências

Abric, J. C, 1994-a, Les représentations sociales: aspecto teórico, In. (Ed), Jean-Claude Abric, 1994, Pratiques sociales et representations, Paris: PUF

Abric, JC, 1994-b, Práticas sociais e representações sociais, In. (Ed), Jean-Claude Abric, 1994, Pratiques sociales et representations, Paris: PUF

Abric, JC, 2012, Uma Abordagem Estrutural para Representações Sociais. A Teoria do Núcleo Central, In. (Eds) Risa Permanadeli, Denise Jodelet e Toshio Sugiman, Produção Alternativa de Conhecimento e Representações Sociais, Jacarta: Programa de Pós-Graduação em Estudos Europeus - Universidade da Indonésia

Acharya, A, 2014, Refazendo os estudos do sudeste asiático: dúvida, desejo e a promessa de comparação, In. Assuntos do Pacífico, Vol. 87. Nº 83, EDIÇÃO ESPECIAL: Contexto, Conceitos e Comparação em Estudos do Sudeste Asiático (setembro de 2014), p. 463-483

Adorno, T, Horkheimer, M, 1954/2002, *Dialética do Iluminismo: Fragmentos Filosóficos*, Stanford- Califórnia: Stanford University Press

Alatas, S. F, 2006, *Discurso Alternativo nas Ciências Sociais Asiáticas: Respostas ao Eurocentrismo*, Nova Delhi: Sage Publication Unip. Ltda

Barthes, 1957/1972, *Mitologias*, trad. Annette Lavers, Londres: Paladino

Beauvoir, S, 1961, *O Segundo Sexo*, Trad. HM Parsley, Nova York: livros Bantam

Beaudrillard, J, 1968/1996, *O Sistema de Objetos*, Trad. James Benedict, Londres-Nova York: Verso

Bocock, R, 1993, *Consumo*, Nova York: Routledge

Bourdieu, P, 1980, *Le sens pratique*, Paris: Edição Minuit

Bourdieu, P, 1984, *Distinção: Uma Crítica Social do Julgamento do Gosto*, Trad. Richard Nice, Cambridge-Mass: Harvard University Press

Bourdieu, P, 1986, *A Forma do Capital*, In. Richardson, J., *Manual de Teoria e Pesquisa em Sociologia da Educação*, Westport-CT: Greenwood, p. 241-251

Bourdieu, P, 1987, "Sur l'objectivation participante", In. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 23 (setembro), p. 67-69

Bourdieu, P, 1992, *O Campo da Produção Cultural*, Cambridge: Polity.

Bourdieu, P, 1996, *Na televisão*, trad. Priscilla Parkhurst Ferguson, Nova York: Nova Imprensa

Bourdieu, P, 1998, *La domination masculino*, Paris: Seuil

Bourdieu, P, 1998-b, *Razão Prática: Sobre a Teoria da Ação*. Stanford, CA: Stanford University Press

Bourdieu, P., Passeron, JC, 1990, *Reprodução na Educação, Sociedade e Cultura*, Trans. Richard Nice, Londres: Publicação Sage

Budianta, M, 2002, *Identidades plurais: a redefinição da democracia pelas mulheres indonésias na era pós-Reforma*, In. *RIMA: Revisão dos Assuntos Indonésios e da Malásia*, 36-1, p.35-50

Budianta, M, 2006, *Descentralizando compromissos: Mulheres e o processo de democratização na Indonésia*, In. *Sinais: Revista de Mulheres na Cultura e na Sociedade*, 31-4, p. 915-923

Budianta, M, 2007, *Vozes diversas: literatura indonésia e construção nacional*, In. *Língua, nação e desenvolvimento no Sudeste Asiático*, 51

Budianta, M, 2009, *Literatura Indonésia vs Ortodoxia da Nova Ordem: As Consequências de 1965-1966*, In. *Estadia: Jornal de Questões Sociais no Sudeste Asiático*, 24-1, p. 145

Budianta, M, 2010, *Mudando as geografias do conhecimento: o projeto inacabado de Estudos Culturais Inter-Asiáticos*, In. *Internacional-Estudos Culturais da Ásia*, 11-2, pág. 174-177

Budianta, M, 2016, *Cosmopolitismo precário: migração laboral e pertencimento cultural em uma Ásia globalizada*, In. *Revista Internacional de Estudos Culturais* 19 (3), p. 271-286

Butler, J, 2007, *Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade*, Reino Unido: Routledge

Chomsky, N, 2005/2006, *Linguagem e Mente*, Reino Unido-Cambridge: Cambridge University Press

Chomsky, N, 1989, *Ilusões Necessárias. Pensamento controlado nas sociedades democráticas*, Reino Unido-Londres: Pluto Press

Cowherd, R, 2002, *Planejamento ou Construção Cultural*, In. (Ed) Peter, JM Nas, *As cidades indonésias revisitadas*, Muenster e Cingapura: Lit Verlag e Instituto de Estudos do Sudeste Asiático

Debord, G, 1967/1970, *A Sociedade do Espetáculo*, Trad. D. Nicholshon-Schmit, Nova York: Zone Books

Du Guy, P, Hall, S, Janes, L, Mackay, H, Legus, K, 1997, *Fazendo Estudos Culturais. A história do Sony Walkman*, Londres: The Open University Press  
Fanon, F, 1967, *Black Skin, White Mask*, EUA: Grove Press

Duveen, G, Llyoid, B, 1986, *O Significado das Identidades Sociais*, In. *Jornal Britânico de Psicologia Social*, 25, pp.

Foucault, M, 1975, *Vigiar e Punir: o Nascimento da Prisão*, Nova York: Livros Antigos

Foucault, M, 1986, *O cuidado de si. Volume 3 de A História da Sexualidade*, Nova York: Pantheon Books

Freire, P, 1968/1970, *A Pedagogia do Oprimido*, Trad. Myra Bergman Ramos, Nova York: Herder e Herder

Gans, HJ, 1999, *Cultura Popular e Alta Cultura. Uma Análise e Avaliação do Gosto*, Nova York: Livros Básicos

Giddens, A, 1991, *As Consequências da Modernidade*, CA: Stanford University Press

- Giddens, A, 1992, *A transformação para a intimidade*, CA: Stanford University Press
- Hall, S, 1980, *Codificação/Decodificação*. Em (Eds) Stuart Hall, Dorothy Hobson, Andrew Lowe e Paul Willis, *Cultura, Mídia, Linguagem. Artigos de Trabalho em Estudos Culturais 1972-1979*, p. 128-138, Reino Unido-Londres: Biblioteca da Universidade Hutchinson.
- Hall, S, 1993, *Estudos Culturais e Legado Teórico*, In (Ed) Simon Durante, *The Cultural Studies Reader*, p. 97-112, Nova York: Routledge
- Hall, S, 1997, *O espetáculo do 'Outro'*, In. (Ed) Stuart Hall, *Representação: Representações Culturais e Práticas Significativas*, p.223-276, Londres: Sage
- Herlambang, W, 2014, *Kekerasan Budaya Pasca 1965, Bagaimana Orde Baru Melegitimasi Anti-komunisme Melalui Sastra dan Film*, Serpong-Tangerang Selatan: Marjin Kiri
- Heryanto, A, 2006, *Terrorismo de Estado e Identidade Política na Indonésia: Pertencimento Fatal*, Nova York: Routledge
- Heryanto, A, 2014, *Identidade e Prazer. A Política da Cultura da Tela da Indonésia*, Cingapura: NUS e Kyoto University Press
- Ganchos, B, 1992, *Black Looks. Raça e Representações*, MA-Boston: South End Press
- Jodelet, D, 1989, "Representações sociais: um domínio em expansão", In. (Ed) Denise Jodelet, *Les Représentations sociales*, Paris: PUF
- Jodelet, D, 1998, "Les Représentations Sociales", Paris: PUF
- Jodelet, D, 1998-b, "Folies et représentations sociales", Paris: PUF
- Jodelet, D, 1993, "Les Représentations sociales", *Regard sur la connaissance ordinaire*, In. Ciências humanas, não. 27 de abril, pp. 16-18
- Jodelet, D, 2006, "Cultura e prática de saúde", In. *Nouvelle revue de Psychologie sociale*, no.1, pp.219-239
- Jodelet, D, 2006, "Representações sociais", In. (Eds) S. Mesure, P. Savidan, *Le dictionnaire des sciences humaines*, p. 1003-1005, Paris: PUF
- Jodelet, D, 2010, "Le loup, nova figura do imaginário feminino. Reflexões sobre a dimensão mítica das representações sociais", In. D, Jodelet, E. Coelho Paredes, *Pensamento mítico e representações sociais*, Paris: Harmattan
- Jodelet, D, 2012, *Sobre o Impacto da Teoria das Representações Sociais*, In. (Eds) Risa Permanadeli, Denise Jodelet e Toshio Sugiman, *Produção Alternativa de Conhecimento e Representações Sociais*, p. Jakarta: Programa de Pós-Graduação em Estudos Europeus - Universidade da Indonésia

Kuan-hsing, Chen, 2010, *Ásia como Método: Rumo à Desimperialização*, Durham (NC): Duke University Press

Kusno, A, 2006, *Dibalik Pascakolonial. Arsitektur, Ruang Kota, e Budaya Politik da Indonésia*, Trans. Titien Saraswati, Surabaia: Airlangga University Press

Kusno, A, 2013, *Depois da Nova Ordem: Espaço, Política e Jakarta*, Havaí: University of Hawaii Press

Lahlou, S, 2012, *Inovação, Representações Sociais e Tecnologia*, In. (Eds) Risa Permanadeli, Denise Jodelet e Toshio Sugiman, *Produção Alternativa de Conhecimento e Representações Sociais*, Jakarta: Programa de Pós-Graduação em Estudos Europeus - Universidade da Indonésia

Markova, I, 2003, *Dialogicidade e Representações Sociais. A Dinâmica da Mente*, Cambridge: Cambridge University Press

Missbach, A, 2014, *Vendo a Indonésia atrás das grades. Uma entrevista com Vanessa Hearman*. ASEAS-Jornal Austríaco de Estudos do Sudeste Asiático, 7(2), 237-242.

Moscovici, S, 1961/1976, "Psychanalyse, son image et son public", Paris: PUF

Moscovici, S, 1976, "Psychologie des minorités actives", Paris: PUF

Moscovici, S, 1982, *A próxima era das Representações*, In. (Eds) JP Codol e JP Leyens, *Abordagens Cognitivas ao Comportamento Social*, Haia: Nijhoff

Moscovici, 2000, *Representações Sociais. Explorações em Psicologia Social*, Cambridge: Polity Press

Moscovici, S, 2012, "Raison et Cultures", Paris: Edições EHESS

Moscovici, S, 2012-b, *Prefácio*, In. Em. (Eds) Risa Permanadeli, Denise Jodelet e Toshio Sugiman, *Produção Alternativa de Conhecimento e Representações Sociais*, p. vii-x, Jakarta: Programa de Pós-Graduação em Estudos Europeus - Universidade da Indonésia

Moscovici, S, 2010, *Prefácio*, In. D. Jodelet, E. Coelho Paredes, *Pensamento mítico e representações sociais*, Paris: Harmattan

Nandy, A, 1983, *O Inimigo Íntimo*, Nova Delhi: Oxford University Press

Nandy, A, 1987, *Tradição, Tirania e Utopias: Ensaio na Política de Conscientização*, Nova Delhi: Oxford University Press

Nandy, A, 2002, *Time Warps: Silent and Evasive Past in Indian Politics and Religion*, Nova Delhi: Oxford University Press

Nilan, P., Mansfield, M., 2013, Espaço, Tempo e Discurso. Jovens indonésios socializando em locais urbanos, In. Jurnal Studi Pemuda, Vol.2 No.2, p. 157-171

Nordholt, HS, 2004, Localizando o Sudeste Asiático. Pós-Colonial e Predicamentos, In. (Eds) S. Ravi, M. Rutten, BL Goh, Ásia na Europa. Europa na Ásia, Singapura: Instituto de Estudos do Sudeste Asiático

Permanadeli, R, 2012, Em Busca da Ásia.: Uma Trajetória Histórica para Redescobrir a Ásia. Um Caso de Psicologia Social, In. (Eds) Risa Permanadeli, Denise Jodelet e Toshio Sugiman, Produção Alternativa de Conhecimento e Representações Sociais, p. 17-28, Jacarta: Programa de Pós-Graduação em Estudos Europeus - Universidade da Indonésia

Permanadeli, R, 2015, Dadi Wong Wadon. Representasi Sosial Perempuan Jawa di Era Modern, Sleman: Pustaka Ifada

Permanadeli, R., Tadié, J, 2014, Compreendendo os imaginários da modernidade em Jacarta. Representações Sociais do Desenvolvimento Urbano em Projetos Habitacionais Privados, In. Artigos de Representações Sociais 23, 22.1-22.33  
[<http://www.psych.lse.ac.uk/psr/>]

Permanadeli, R, 2015, O uso do inglês como meio de comunicação na sociedade urbana na Indonésia, Projeto para Centro de Línguas-Ministério da Educação e Cultura, (Centro de Estudos de Representações Sociais em cooperação com o Centro de Estudos Linguísticos e Culturais, a Universidade de Atmajaya-Jacarta e Badan Bahasa-Ministério da Educação e Cultura, projeto de pesquisa não publicado, Jacarta.

Permanadeli, R, 2015, Indonésia. A nação do agachamento (des) autorizado. Em. Representações sociais e educação. Letras Imagéticas III. Ed. Ornellas, Maria de Lores Soares, Salvador: EDUFBA-Brasil

Permanadeli, R, Sundararajan, L, 2021, Saboreando o luto: a jornada javanesa pela morte, In. Dueck, Al. (Ed), *Psicologias Indígenas da Espiritualidade – No meu começo está o meu fim*, Nova York: Springer.

Said, EW, 1978, *Orientalismo: Conceção Ocidental do Oriente*, Londres: Penguin Books

Said, E. W, 1994, *Cultura e Imperialismo*, Londres: Livros Antigos

Santikarma, D, 2005, Monumento, documento e vala comum: a política de representação da violência em Bali, In. (Ed), Mary S. Zurbuchen, *Começando a Lembrar. O passado no presente indonésio*, Cingapura: Singapore University Press

Sen, K. e Hill, DT, 2000, "Mídia, Cultura e Política na Indonésia" In. (Eds) Khrisna Sen e David. T. Hill, *Mídia, cultura e política na Indonésia*, Melbourne: Oxford University Press

Shwartz, A, 1990/1994, *Uma nação em espera: a busca por estabilidade da Indonésia*, Boulder: Westview Press

Spivak, GC, 1988, "Pode o Subalterno Falar?" em *Marxismo e a Interpretação da Cultura*, eds. Cary Nelson e Lawrence Grossberg. Basingstoke: Macmillan. 271-313.

Spivak, GC, 1990, O Crítico Pós-Colonial. Entrevista, Estratégias, Diálogos, Ed. Sarah Harasyim, Nova York: Routledge

Spivak, GC, 1999, Uma Crítica da Razão Pós-Colonial: Rumo a uma História do Presente Desaparecido, Harvard University Press

Spivak, G. C, 2010, Em resposta: olhando para trás, olhando para frente, em (Ed) Rosalind Morris, Can the Subaltern Speak. Reflexões sobre a história de uma ideia, Nova York: Columbia University Press

Taal, S, 2002, Expressões Culturais, Memória Coletiva e Paisagem Urbana, In. (Ed.). Peter JM Nas, As cidades indonésias revisitadas, Muenster e Cingapura: Lit Verlag e Instituto de Estudos do Sudeste Asiático

Wagner, W, Duveen, G, Themel, M e Verma, J, 1999, A Modernização da Tradição: Pensando sobre a Loucura em Patna, Índia, In. Cultura e Psicologia, 5, p. 413-436

Widodo, J, 2007, Arquitetura Moderna da Indonésia. Transplante, Adaptação, Acomodação e Hibridação, In. (Ed.). Peter. JM Nas, O Passado no Presente. Arquitetura na Indonésia, Leiden: KITLV Press

William, R, 1977, Marxismo e Literatura, Oxford-Nova York: Oxford University Press

William, R, 1983, Cultura e Sociedade. 1780-1950, Nova York: Columbia Press University

William, R, 2014, Cultura e Sociedade: Escritos Essenciais, Londres: Thousand Oaks

**Revisores de línguas e ABNT/APA:** Prof. Dr. André Felipe Costa Santos

**Submetido em 20/07/2023**

**Aprovado em 30/09/2023**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)